



A PESQUISA NO SERVIÇO SOCIAL E AS POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES COM A ANÁLISE DIALÓGICA BAKHTINIANA

RESEARCH IN SOCIAL SERVICES AND POSSIBLE APPROACHES TO BAKHTINIAN DIALOGICAL ANALYSIS

Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães 

Michelle Araujo de Oliveira 

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada durante o doutoramento de uma das autoras. Neste sentido, a partir de uma abordagem teórico-metodológica com base na busca de pesquisas no âmbito do Serviço Social, este artigo visa a apontar de que modo a Filosofia da Linguagem apontada pelo Círculo de Bakhtin, em especial na obra "Marxismo e Filosofia da Linguagem", de autoria de Volochínov (2021), contribui para pesquisas na área do Serviço Social, em especial para o processo de análise das produções desta área que comumente recorrem a dados qualitativos, ou seja, análises de textos orais e escritos. Sendo assim, foram abordadas as particularidades da pesquisa no Serviço Social as quais se pautam numa leitura crítica da realidade e visam transpor compreensões e interpretações do real. Por fim, foi apontada a Filosofia da Linguagem como instrumento analítico de base teórico-metodológica a qual compreende aspectos e influências que partem de um contexto sócio-histórico, cultural, político e ideológico nos enunciados dos sujeitos sociais. Tais aspectos são fundamentais para as investigações do Serviço Social, uma vez que é uma profissão imersa numa realidade social que produz e se reproduz por inconciliáveis contradições e conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa. Serviço Social. Filosofia da Linguagem. Mikhail Bakhtin.

ABSTRACT

This article is result of a research conducted by one of the authors during PhD studies. In this sense, from a theoretical and methodological approach based on the research in the field of Social Work, this article aims to point out how the Philosophy of Language pointed by Bakhtin's Circle, especially in the work "Marxism and Philosophy of Language", authored by Volochínov (2021), contributes to research in the Social Work field, especially for the process of analysis of productions in this area that usually resort to qualitative data, i.e., analysis of oral and written texts. Thus, the particularities of research in Social Work were addressed, which are based on a critical reading of reality and aim to displace understandings and interpretations of reality. Finally, the Philosophy of Language was pointed out as an analytical instrument of theoretical and methodological basis, which understands aspects and influences from a socio-historical, cultural, political, and ideological context in the statements of social subjects. Such aspects are fundamental to Social Work investigations, since it is a profession immersed in a social reality that produces and reproduces itself through irreconcilable contradictions and conflicts.

KEY-WORDS: Research. Social services. Philosophy of Language. Mikhail Bakhtin.

INTRODUÇÃO

O presente texto foi publicado inicialmente no *XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, ocorrido em 2018, foi o único artigo do grupo de trabalho “Serviço Social: Fundamentos, formação e Trabalho Profissional”, voltado para pesquisas que se detivessem na natureza investigativa e nas teorias que perpassassem a referida subárea de conhecimento¹, este texto visa dialogar sobre as possibilidades teórico-metodológicas das pesquisas do Serviço Social, ao se apropriarem da análise do discurso, especificamente a desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, composto por Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medvedev, entre outros. Esta é a segunda versão apresentada sobre esses resultados. *No entanto, nesta há uma ampliação e atualização dos escritos registrados na primeira versão apresentada, a qual indica novos caminhos a fim de fortalecer o debate. A primeira versão será devidamente citada como Guimarães (2018) a fim de que não se configure neste texto um autoplágio.*

No campo das pesquisas na área do Serviço Social, observamos que a maioria opta por pesquisas qualitativas, a partir da escolha de pesquisa documental ou entrevistas como instrumentos de coleta de dados. Tais dados, em geral, são analisados *por meio do* método histórico-dialético de Marx, o que não demarca ou utiliza, de certa forma, um caráter analítico do discurso de sujeitos sociais.

Diante disso, ao buscar o fortalecimento das produções científicas na área do Serviço Social, neste trabalho, visamos apresentar considerações sobre as possibilidades e os encontros da análise dialógica pautada no Círculo de Bakhtin com os fundamentos teórico-metodológicos da profissão, cujo método analítico está fortemente enraizado na tradição marxista.

Cabe destacar que Mikhail Bakhtin fazia parte do grupo intitulado *Círculo de Bakhtin* cujos principais representantes, além de Bakhtin, eram o linguista Valentin Volochínov (1895 - 1936) e o teórico literário Pavel Medvedev (1891 - 1938), entre outros. Dentre as principais obras deste grupo, destacamos “*Estética da Criação Verbal*” (2010); “*Para uma Filosofia do Ato Responsável*” (2012); e “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (2021). Porém, aqui se tem como principal referência esta última.

¹Conforme a tabela do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), encontrada no seguinte endereço eletrônico:
<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>.

Constata-se que a Filosofia da Linguagem, no seu constructo teórico sobre o discurso, oferece importantes elementos para a análise dialógica de enunciados orais e escritos. Para a Filosofia da Linguagem defendida por Bakhtin e seu Círculo, os enunciados são produtos histórico-sociais produzidos por sujeitos sociais que ocupam um tempo e um espaço a partir de uma perspectiva única de enunciação. Isto é, os enunciados produzidos pelos sujeitos em sociedade são carregados de ideologia a partir das perspectivas sociais nos quais são produzidos.

As considerações de tais aspectos são fundamentais para as investigações do Serviço Social uma vez que é uma profissão imersa numa sociedade que produz e se reproduz por inconciliáveis contradições e conflitos econômicos, políticos, sociais e culturais, inerentes às sociedades que estão sob o signo do Capital.

Neste artigo, o principal objetivo é refletir sobre a pesquisa no Serviço Social, assim como oferecer elementos que permitam demonstrar a coerência do constructo teórico do Círculo de Bakhtin com a trajetória de pesquisa e gênese teórica do Serviço Social. Assim, dividimos este texto em dois momentos: o primeiro trata sobre a natureza da pesquisa no Serviço Social, pautado nas argumentações de Setúbal (2005), Lara (2007); já o segundo tratará sobre o Círculo de Bakhtin e o constructo teórico-metodológico elaborado por ele e seus colaboradores, seus principais conceitos na análise dialógica e que irão corresponder à análise de sujeitos sociais em nossa área de atuação.

1 A NATUREZA DA PESQUISA NO SERVIÇO SOCIAL

Segundo Guimarães (2018), a gênese da profissão do Serviço Social relaciona-se à realidade da produção e reprodução social imposta pelo Modo de Produção Capitalista. Isso acarreta, de acordo com a autora, em novas proporções à questão social, que é o conjunto das diversas expressões da desigualdade produzida pela sociedade vigente, no qual a própria origem da profissão é marcadamente relacionada à história do Capitalismo e com suas variáveis: a alienação, contradição e antagonismo (MARTINELLI, 2006).

Ainda segundo Guimarães (2018), é de suma importância que o profissional da área do Serviço Social traga consigo o perfil pesquisador, uma vez que assume o papel de suma importância na sociedade, visto que tem de lidar com complexidades da realidade social, que configura um processo de reflexão teórica que subsidia a sua prática cotidiana. Nicolau (2004) afirma que deve haver a compreensão quanto à

importância da atuação profissional para o avanço desta discussão teórica e da reflexão teórica para o *fazer profissional*, visto que não existe teoria desvinculada à prática e seu inverso também.

Desta forma, cabe ressaltar certo destaque que deve ser indicado à ação de investigação a qual não pretende negar a importância dada à dimensão da ação interventiva, na qual as duas devem ser vistas em sintonia. Isto contribui para uma relação dialética a partir de aspecto teórico-prático (SETÚBAL, 2007), relação esta que também possui caráter dialógico², considerando-se já a perspectiva do Círculo de Bakhtin.

Pereira (2005) ressalta que a pesquisa não deve ser percebida como um *luxo intelectual* e sim uma necessidade natural e lógica da profissão, tonando-se condição de possibilidade de ruptura com as práticas voluntaristas, tópicas e impensadas.

Relatórios, documentos e diferentes sujeitos são dados comuns no fazer profissional e que permite o fornecimento informações a fim de compreender a realidade social; dados estes que apontam diferentes questionamentos e problemáticas os quais precisam ser sistematizados. Todavia, para que a produção do conhecimento ocorra, é necessário que o profissional tenha uma base teórico-metodológica bem definida.

Netto (2000) ressalta que a garantia do êxito da pesquisa/investigação está na riqueza cultural do sujeito que pesquisa, afirmando que o "*Investigador ignorante, pesquisa estreita*" (NETTO, 2000; p. 52). Para o referido teórico, a riqueza do pesquisador implica no conhecimento deste sobre os vários modelos e padrões analíticos, devendo trabalhar segundo as suas opções que devem ser explicitadas.

Por conseguinte, para levantarmos esta discussão, compreendemos que o profissional do Serviço Social, ao ser interventivo e investigativo, precisa se atentar a diferentes métodos e aliados a uma perspectiva crítica de produção do conhecimento. Estas irão lhe permitir reconhecer as diferentes formas de reflexão sobre a realidade e seu movimento.

Ao nos apresentar um debate sobre a pesquisa e o Serviço Social, Lara (2007) apresenta reflexões acerca das reais intenções do "fazer científico" as quais estão relacionadas a uma sociedade burguesa que tem por pretensão sustentar e manter o

² Na perspectiva bakhtiniana as relações dialógicas se expressam nas relações de sentido que são estabelecidas entre dois processos que aparentemente parecem distantes e diferentes no contexto histórico.

capital. Sendo assim, utilizando-se das ideias de Lukács (1979), o autor pondera que as ciências sociais passam por um processo de “especialização mesquinha”³, por estarem submetidas a esta sociedade burguesa. Assim, tal “especialização” tem por finalidade fragmentar o conhecimento e a realidade, além de oferecer um status pragmático à produção do conhecimento, gerando para este status um mero instrumento contemplativo dos fenômenos, restrito à aparência.

Setúbal (2005) pondera que os sentidos atribuídos à pesquisa e seus objetivos e desenvolvimento, têm colaborado para o apagamento da importância da produção científica, fato este que se apresenta em diferentes ramificações das ciências, não somente do Serviço Social. Este apagamento chega no momento em que se apresentam pesquisas centradas em problemas rasos, superficiais e escassas de interpretação, que comumente se expressa na elaboração de um conhecimento que se limita a vagar a realidade, sem privilegiar uma abordagem que vise abarcar a concretude da história.

Segundo Guimarães (2018), tal “*especialização mesquinha*”, somada à falta de diálogo entre as áreas, gera um conhecimento fracionado e contribui para uma compreensão de homem e de sociedade como partes isoladas das dinâmicas sociais e do processo histórico. A perspectiva epistemológica marxista revela um caráter de ruptura deste quadro, tomando os objetos inseridos dentro de uma totalidade social que, ao serem concretos, são históricos.

Fazer pesquisa científica no campo das ciências sociais contribui para a produção do conhecimento e representa a sistematização da realidade social que permite ao profissional apreender as conexões do real e a construir um caminho seguro que lhe permita formular respostas concretas ao longo das suas intervenções. Assim, entende-se que a “perspectiva ontológica” é um caminho teórico-metodológico para a apreensão e a sistematização da realidade social (LARA, 2007).

De acordo com Guimarães (2018), pesquisas do Serviço Social, ao pretenderem se distanciar de um posicionamento neutro e objetivo, comumente recorrem às pesquisas qualitativas. Flick (2009) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha, principalmente, com textos, cujos métodos produzem dados que, a partir de gravações e transcrições, transformam-se em textos. Não tem como negar ou

³ LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista* – sobre a particularidade como categoria da estética. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

desconsiderar que corriqueiramente no nosso processo de pesquisa estamos lidando diretamente com textos, discursos e enunciados, tal como afirma a perspectiva bakhtiniana.

A linguagem é pouco explorada de forma analítica no Serviço Social. Como destacado por Sousa (2008), ela é instrumento do Serviço Social, visto que provoca interação entre sujeitos sociais, tornando possível os vínculos entre eles. A linguagem contribui para a construção da identidade dos diferentes grupos sociais.

Bagno (2014, p. 11) afirma que “Somos seres feitos de carne, osso e linguagem”, isto é, corpo físico, mental, cognitivo e comunicativo. Neste processo comunicativo, realizado por meio da linguagem, interagimos uns com os outros dando início aos primeiros passos de uma relação política, de negociação e de conflitos.

Guimarães (2018) afirma que a linguagem precisa ser compreendida em dois planos: o do indivíduo e o da sociedade. Bagno (2014) continua argumentando que: “Se ser humano é ser na linguagem, *ser humano também é ser social*, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis: tentar separá-las é como tentar negar a existência de um dos de uma folha de papel, de uma das faces de uma moeda” (BAGNO, 2014; p. 11, grifo do autor). Deste modo:

A língua é um trabalho social empreendido coletivamente por todos os membros da comunidade que a utilizam. Cada um de nós não é um mero ‘usuário’ da língua que falamos: nós também somos os *produtores, os cultivadores, os preservadores, os transmissores, os transformadores* dessa língua que nos pertence a cada um de nós como indivíduo e como membro de um grupo social que partilha uma mesma cultura” (BAGNO, 2014; p. 14).

Ainda segundo Guimarães (2018), o homem enquanto um ser social se constrói e reconstrói coletivamente a partir de interações que são estabelecidas entre os sujeitos, conseqüentemente não existe sujeito isolado, mas sim sujeitos coletivos que se constroem no processo de trabalho, enquanto práxis humanas. Relação esta que pressupõe uma intersubjetividade e dialogicidade, na medida em que não há como desconsiderar que a relação entre os sujeitos se estabelece por meio da linguagem, seja oral ou escrita, por meio de criação de códigos, símbolos e signos.

Sousa Jr. (2010, p. 21) nos apresenta uma noção de linguagem segundo um dos elementos fundamentais da práxis humana, dado que não se configura na tradição marxista, representando, para alguns críticos, “como uma das grandes lacunas de Marx e do marxismo”. Ao contrário do posicionamento de alguns críticos,

o autor pondera que Marx lançou bases para a construção de uma crítica concepção de linguagem e reconheceu-a como um elemento da práxis, histórica, social e relacionada à consciência, na qual o indivíduo não pode considerar a linguagem como algo somente seu, mas de uma comunidade humana (MARX; ENGELS, 1985 apud SOUSA JR., 2010).

Tal afirmação constata-se em:

[...] a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir da sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (MARX, 2010; p. 107)

Guimarães (2018) afirma que a língua ao ser construída coletivamente e utilizada pelo ser social como forma de estabelecer interações, logo é produto social, não estando submissa a regras que a tornem fixa e imutável. Mikhail Bakhtin, juntamente com o Círculo, compartilha da compreensão de que as ciências humanas, diferente das ciências exatas e naturais, lidam com o homem, mas é o homem enquanto produtor de texto e enunciador discursivo.

Para Bakhtin (2011): “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2011, p. 395). Logo, a metodologia que leva em consideração este ser inesgotável tem por finalidade compreender que os caminhos percorridos no processo de pesquisa serão infinitos e cabe ao pesquisador aferir os significados que dali poderão ser extraídos a partir da atribuição de sentidos e significados que serão compreendidos por meio dos enunciados.

Assim, as ciências humanas partem do princípio de que a pesquisa na área de diferentes perspectivas e que estão sempre em movimento; sendo assim, inesgotável, uma vez que se inicia da fonte do complexo de relações sociais que são únicas e constantes. Assim como nas ciências humanas, as ciências sociais trabalham com o homem como um sujeito social em constante processo de formação ideológica na formação de sua subjetividade.

Dessa forma, é preciso um olhar da pesquisa nas ciências sociais, considerando as relações entre os sujeitos falantes a partir da natureza dialógica de natureza bakhtiniana. Esta natureza metodológica encontrada no Círculo de Bakhtin consegue reconhecer que os sujeitos sociais produzem enunciados únicos e irrepetíveis que podem ser analisados por meio da perspectiva dialógica, no reconhecimento de

aspectos de natureza social tais como a ideologia, a polifonia, a subjetividade, o dialogismo das interações entre esses sujeitos. Em outras palavras, analisar enunciados dos sujeitos sociais, dentro da área das ciências sociais, aponta como estes se relacionam entre si e traz à tona resultados que muito interessa ao Serviço Social.

Partindo-se desse pressuposto, compreende-se que não se lida com enunciados, sejam eles orais ou escritos, a partir de uma relação esvaziada, mas sim vistos enquanto discursos realizados por diferentes sujeitos que estão imersos num imenso cenário político, econômico, social e cultural, inscrito no tempo e no espaço, que influi e reflete a consciência daqueles que os produziram. Uma consciência que não é individual e criada num plano subjetivo independente da materialidade, mas sim que é coletiva e fundada na realidade material, que é histórica e social, revelados nas falas dos sujeitos.

A análise do discurso bakhtiniana inicialmente fora utilizada enquanto metodologia de análise de textos escritos, iniciando sua metodologia a partir dos estudos literários, porém diante de novas produções científicas, esta passou a ser adotada para a análise de diferentes discursos que não estariam restritos à escrita literária, sendo amplamente utilizado para análise de enunciados de diversas esferas sociais.

2 A PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Para Guimarães (2018), não existe somente uma forma de *análise do discurso*, há uma variedade de diferentes enfoques no estudo dos discursos, desenvolvendo-se a partir de diferentes vertentes teóricas. No entanto, destacamos, nesta discussão, a filosofia da linguagem, defendida pelo Círculo de Bakhtin, enquanto instrumento teórico-metodológico que oferece possibilidades de uma análise teórica e crítica, que considere os aspectos e as influências do contexto sócio-cultural, histórico, político e ideológico nas falas dos diferentes sujeitos inseridos em uma sociedade.

Desta forma, é necessário, em um primeiro momento, nos depararmos com concepções de língua e linguagem que auxiliam na definição do que seria a pesquisa na área dos estudos linguísticos e sua contribuição para a área dos estudos sociais e, até certo ponto, quais seriam, de fato, os caminhos a serem percorridos para que cheguemos a um determinado objeto em ambas as áreas. Para nos situarmos nesta

discussão, é de suma importância a adoção da concepção que cada pesquisador adota acerca de sua experiência com a língua e a linguagem.

Partindo da discussão acerca das duas tendências do pensamento filosófico-linguístico – o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato–, Volochínov (2021) tece críticas bastante categóricas acerca de ambas, uma vez que, segundo o autor, não conseguem comportar análises que correspondem às relações humanas de linguagem e ao processo de interação. Ambas as tendências possuem métodos próprios que irão refletir, na Linguística, acerca da concepção de língua enquanto sistema de normas, porém apresentando perspectivas e métodos um pouco diferentes.

No subjetivismo individualista – representado pelo ato individual e criativo da língua –, o trabalho do linguista leva em consideração o caráter individual e psicológico da língua. Segundo Volochínov (2021), o que se leva em consideração aqui é o ato criativo que pode ser considerado análogo ao processo de criação da língua pelo indivíduo. Sob a forte influência de Humboldt⁴, esta tendência tem como método o trabalho com a língua, partindo de princípios prontos, estáveis e imutáveis; em outras palavras, nesta tendência, o trabalho com a língua se constrói de modo abstrato cujo objetivo é o ensino da língua como instrumento pronto.

Sob forte influência do cartesianismo cujas origens remontam os séculos XVII e XVIII, na era neoclássica, o objetivismo abstrato tem a concepção de que a língua deve ser compreendida e analisada a partir de seu sistema imutável e estável de normas linguísticas, as quais são reconhecidas pela consciência individual. Diferentemente da primeira tendência, que reconhece o ato individual e criativo, esta não leva em consideração o indivíduo de forma isolada tampouco sua expressão como ato criativo, mas sim a normatização de estruturas que devem ser impostas e adotadas pela sociedade falante em geral. O indivíduo, aqui, é tido como o ser que expressa o que de norma existe para ser seguida; não se leva em consideração a formação do pensamento e do psiquismo individual, métodos estes adotados pela primeira tendência.

⁴ Wilhelm von Humboldt (1767-1835), linguista alemão, foi considerado por Volochínov o principal representante e fundador do subjetivismo individualista. Em nota de rodapé da página 149 do *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volochínov (2021) afirma que Humboldt expôs suas ideias sobre a filosofia da linguagem em dois trabalhos de sua autoria, além de indicar a leitura da bibliografia.

Apontando a escola de Genebra de Ferdinand de Saussure, assim como seus sucessores como Bally e Sechehaye, como os principais representantes do objetivismo abstrato, Volochínov (2021) apresenta trechos de fala de Saussure nos quais ele aponta que a metodologia dos estudos linguísticos deve partir da língua enquanto sistema de normas idênticas a serem seguidas. Segundo Saussure, a língua – não a linguagem – deve ser considerada do ponto de partida de uma metodologia dos estudos linguísticos, uma vez que consegue apresentar uma natureza autônoma que permite categorização e análise. Para o precursor da escola de Genebra, a linguagem não se permite ser objeto dos estudos linguísticos, visto que é heterogênea e instável, o que impede o linguista de analisá-la com clareza.

Geraldi (2019) aponta que a Linguística – talvez numa tentativa de se firmar enquanto ciência – tentou se associar a metodologias duras de outras ciências, em especial à matemática e à neurologia. Neste caminho, desde Saussure e os neoclássicos, houve a tentativa de criar metodologias cujo critério tendia para a objetividade e fórmulas prontas, tal como é apresentado pelo sistema de regras que vê na língua o ponto de partida dos estudos envolvendo o sistema de normas. Este sistema segue por base autores considerados consagrados pela literatura clássica que registrou o que se deve falar e escrever pelo falante da língua:

Nossa cultura letrada tradicional construiu, ao longo do tempo, duas autoridades que se complementavam: a do escritor e a do gramático. Era, e é, com base em escritos daquele que o gramático fixou a regra da língua; com passagens daquele, ele também exemplificou suas regras; com textos literários se formou nossa intelectualidade (GERALDI, 2019, p. 63).

A questão aqui apresentada por Geraldi (2019) nos leva a compreender que este movimento de estudos linguísticos com objeto na língua para estudos linguísticos com objeto na linguagem nos remete a uma questão também de se firmar enquanto ciência a partir de resultados que podem ser considerados científicos. O fazer ciência na Linguística, a partir da concepção dialógica do Círculo de Bakhtin, apresenta novos caminhos a partir da pesquisa no campo da linguagem, o que leva a nos permitir, enquanto pesquisadores, que possamos percorrer caminhos que serão descobertos a partir de uma metodologia que ainda está se descobrindo e se abrindo a novas possibilidades que antes não se permitiam espaço.

Os estudos do Círculo de Bakhtin vieram para nos apontar alguns caminhos metodológicos possíveis de um fazer científico envolvendo estas questões aqui

discutidas e permitindo aos pesquisadores da linguagem e da área das ciências humanas e sociais apontar como as relações humanas também podem ser objeto de pesquisa e, em especial, seus enunciados. Sendo assim, a metodologia que parte do caráter analítico-dialógico deve ser vista de uma perspectiva ao mesmo tempo social e individual, única e associada a outros enunciados, a partir de um falante e seu outro.

Diante disso, considerando a linguagem como o meio de interação entre os sujeitos falantes e a partir dela estuda-se esta relação social, a perspectiva dialógica parte do enunciado como objeto de análise, uma vez que é considerado o elemento constituinte do diálogo. Em outras palavras, a análise dialógica parte do enunciado nas pesquisas de estudos da linguagem e do social a partir da relação de interação entre sujeitos:

[as] noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente por que a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. Bakhtin e seu Círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com o signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos processo enunciativo-discursivo (BRAIT; MELO, 2012, p. 65).

Para uma análise com base na Análise Dialógica do Discurso (ADD), tal como afirmam Brait e Melo (2012), compreender os elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo é o primeiro passo fundamental para uma trajetória metodológica na interpretação e análise de enunciados cujos sujeitos interagem socialmente. Sem mencionar diretamente o caráter metodológico da ADD, Brait e Melo (2012) pontuam, com bases nos postulados do Círculo, que esses elementos constituintes se apresentam de forma estritamente vinculada ao enunciado, constituindo-se como tal.

Já Grillo (2021), em seu ensaio introdutório da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)* de sua tradução, apresenta uma discussão acerca do método sociológico em diálogo com o contexto; neste, a autora afirma que "A teoria do enunciado concreto, entendido como elo na cadeia da comunicação discursiva, serve não apenas como fundamento da filosofia da linguagem em MFL, mas também para

compreender a própria constituição do método sociológico desenvolvido nesta obra [...]” (GRILLO, 2021, p. 52).

Dessa forma, o ponto de partida para um percurso metodológico com base na ADD é compreender de que maneira esses elementos constituintes se formam e formam o enunciado como objeto de pesquisa. Compreender que neles estão inseridos os sujeitos e os discursos envolvidos no momento de interação social específica é ponto inicial de uma investigação de pesquisa que envolva os conceitos da ADD, uma vez que será de fundamental importância, para a análise, compreender tanto os elementos verbais quanto os extraverbais no momento em que estes enunciados foram produzidos.

A palavra, ao ser produto da interação social e caracterizada por sua plurivalência, reveste-se em signo ideológico, logo sendo lugar de manifestação da ideologia. A ideologia envolve as diferentes formas de significar a realidade de acordo com as diferentes vozes e vista dos que a empregam. A palavra torna-se “*arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes*”, revelando assim o seu caráter dialógico (BRANDÃO, 2012).

Logo, salientamos que nenhuma palavra é neutra. Na trama conceitual bakhtiniana, a linguagem, ao ocupar um espaço privilegiado, é tratada no seu sentido amplo, estando composta por conteúdos ideológicos, que revelam que a palavra é a arena onde se darão os confrontos dos valores sociais que podem ou não ser contraditórios entre si e estão de acordo com as diferentes e diversas entonações sociais presentes no discurso que os sujeitos estabelecem entre si no processo dialógico.

Para o cientista social marxista Michael Löwy (2015), é difícil de encontrar um conceito tão complexo e repleto de significado como o conceito de *ideologia*, que, conforme o cientista, não teve a sua origem em Karl Marx e sim no filósofo francês Destutt de Tracy, em 1801, que a utilizou como um subcapítulo da zoologia. Esta definição teve desdobramentos no termo ideólogos/ideologia utilizada por Napoleão Bonaparte a fim de indicar “*especulação metafísica*” ao se referir ao grupo de Tracy, por volta de 1812.

Evidencia-se que, na perspectiva bakhtiniana, a concepção de ideologia funda-se no método dialético marxista, porém Bakhtin e o seu Círculo se queixavam de que esta mesma produção teórica marxista, até o momento de elaboração da obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” – nos idos de 1929 a 1930, na Rússia – havia

tratado a ideologia de maneira mecanicista, no qual os teóricos marxistas procuravam estabelecer uma relação direta entre os acontecimentos da estrutura socioeconômica e a sua repercussão na superestrutura ideológica. Outro ponto criticado por Bakhtin era o posicionamento que acaba por limitar a ideologia à consciência, enquanto algo que tivesse origem na natureza ou no mundo transcendental (MIOTELLO, 2012).

O posicionamento de Bakhtin e do Círculo, acerca da ideologia, é tomado a partir de uma análise dialética materialista, pois pretendia percebê-la no conjunto das relações sociais, não estando simplesmente encerrada à consciência individual do homem, buscando-a na concretude do acontecimento. Porém, observa-se que até então, na tradição marxista, havia uma concepção de ideologia que a encerrava enquanto um mecanismo escamoteador da realidade social a fim de legitimar uma classe social ou grupo social.

Contudo, ampliou-se a noção de ideologia que a define como uma visão e concepção de mundo de uma determinada comunidade social de acordo com as circunstâncias históricas. Löwy (2015, p. 25) pautando-se numa análise dialética, de viés marxista, sobre as ideologias ou as visões de mundo destaca que:

[...] elas são contraditórias, que existe um enfrentamento permanente entre as ideologias e as utopias na sociedade, correspondendo, em última análise aos enfrentamentos das várias classes sociais ou grupos sociais que a compõem. Em nenhuma sociedade existe consenso total, não existe simplesmente uma ideologia dominante, existem enfrentamentos ideológicos, contradições entre ideologias, utopias ou visões de mundo conflituais, contraditórias. Conflitos profundos, radicais, que são geralmente irreconciliáveis, que não se resolvem em um terreno comum, em um mínimo múltiplo comum.

A percepção de que a ideologia não ocorre somente de uma maneira binária conforme a disposição das classes sociais (burguesa e proletária), mas que esta também está presente nos grupos e comunidades sociais demonstra que até mesmo dentro de uma mesma classe social há conflitos ideológicos, não existindo simplesmente uma ideologia dominante, mas que estas estão em constante disputa, haja vista que há contradição entre estas.

Segundo Brandão (2012), essa ampliação irá acarretar numa compreensão que passa a vincular os fenômenos da linguagem à ideologia, tomando a primeira como uma das instâncias mais significativas em que a segunda se materializa. Deste modo,

para a autora, não existe *um* discurso ideológico, uma vez que *todos* os discursos podem ser considerados ideológicos, quer dizer, a ideologia não se constitui em mera “falsa consciência”, dissimulação ou mascaramento, e sim é algo inerente ao signo de modo geral.

Mas assim como os signos são utilizados pela classe dominante a fim de perpetuar o seu poder, eles também são utilizados como forma de resistência pelas classes não hegemônicas. No processo de comunicação são confrontados valores sociais contraditórios, em que na própria palavra os conflitos de classe se expressam. Conflitos estes que necessitam passarem por completos e aprofundados processos de análises teórico-metodológicas, fato este que viabiliza e aponta a análise do discurso de natureza dialógica como um caminho metodológico dentro das ciências sociais.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A partir da discussão apresentada acerca da relação entre pesquisas no Serviço Social e sua base na filosofia da linguagem do ciclo de Bakhtin, esta pesquisa aponta caminhos metodológicos a serem traçados no ramo das ciências sociais. Ao tratar a linguagem a partir do campo interacional, o Círculo de Bakhtin mostra que esta está inserida em sociedade e contribui na constituição de identidades de sujeitos sociais que estão inseridos em sociedade.

As pesquisas no ramo do serviço social, ao se basearem na concepção dialógica de linguagem e no sujeito constituído a partir da interação entre eu e outro, poderão contribuir para uma compreensão do sujeito real que pode ser analisado por meio da base teórico-metodológica de natureza dialógica. Esta base se alinha ao papel do profissional da áreas das ciências sociais que esta diretamente ligada a este sujeito dentro de seu campo de atuação.

Trazendo alguns apontamentos finais de Guimarães (2018) e com base em Setúbal (2007) podemos considerar que é pela via da pesquisa que o Serviço Social pode romper com a *pseudoconcreticidade*, pois provoca no profissional o desejo de se movimentar, fazendo com que os sujeitos interajam de forma dialógica a partir de um agir e de um pensar.

Como bem destaca ainda Guimarães (2018), é inquestionável a necessidade do Serviço Social de procurar entender, explicar, conhecer e apreender a realidade, tomando apoio em procedimentos metodológicos cuidadosamente planejados, utilizando uma sólida fundamentação teórica. Abordar sobre uma perspectiva

analítica que é ainda um tanto nova para as ciências sociais e humanas como um todo, exigiu-nos bastante coragem e ousadia, haja vista que a referida teoria além de não ser tão popular, é muito complexa. Entretanto, não há como não destacar sobre a possibilidade de fácil compreensão pelos pesquisadores do Serviço Social que em sua maioria têm os seus estudos intimamente relacionados com a tradição da teoria marxista.

É sempre importante destacar que as entrevistas, grupos focais, relatórios, legislações e outras formas de coleta de dados e de informações nos levam a sistematizar textos/discursos de sujeitos coletivos, que podem nos revelar as lógicas institucionais ou de determinados grupos sociais, que são perpassados por diferentes conflitos, contradições e posicionamentos ideológicos. Salienta-se, também que a análise dialógica do discurso bakhtiniana não seria método de interpretação de dados, mas um oferecimento de um percurso metodológico de compreensão e análise dos dados a partir da linguagem em interação pelos sujeitos falantes organizados socialmente. Diante disso, por meio da perspectiva dialógica, é possível trabalhar a fundo, dentro das ciências sociais, pesquisas envolvendo sujeitos a partir de sua relação com o outro por meio do estudo de seus enunciados inseridos em um contexto sócio-histórico-cultural, político e, fundamentalmente, ideológico.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem e Linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.
- GRILLO, Sheila. Ensaio Introdutório. In: VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo**. São Paulo: Editora 34, 2021.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva. Mikhail Bakhtin e a Pesquisa no Serviço Social: aproximações possíveis. v. 16 n. 1 (2018): **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22692>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

LARA, Ricardo. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 73-82 2007.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social**: identidade e alienação. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARX, Karl (1818-1883). **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, Dermeval. LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE José Luiz. (Orgs.). **História e historiografia da educação**: o debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 2000.

NICOLAU, Maria Célia Correia. Formação e fazer profissional do Assistente Social: trabalho e representações sociais. **Revista Quadrimestral De Serviço Social**, Ano XXIV, n.79, set. 2004.

PEREIRA, Potyara. A utilidade da pesquisa para o Serviço Social. **Serviço Social & Saúde**, Campinas v. 4, n. 4, Maio, p. 1– 156, 2005.

SETÚBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. **Rev. Katálysis**. Florianópolis v. 10. n. esp. p. 64-72, 2007.

SETÚBAL, Aglair Alencar. **Pesquisa em Serviço Social**: utopia e realidade. 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

SOUSA JR., Justino de. **Marx e a crítica da educação**: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2010.

SOUSA, Charles Toniolo de. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. **Revista Eletrônica Emancipação**, Ponta Grossa, 8 (1), p. 119-132, 2008. Disponível em: <http://www.uepg.br/emancipacao>. Acesso em: 12/12/2019.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

Sobre as autoras

Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: jacquetsg@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5485-6611>

Michelle Araujo de Oliveira

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: loraimn@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4214-1592>

Artigo recebido em: 28 de fevereiro de 2022.

Artigo aceito em: 16 de abril de 2022.